

## Poema

Ao trepar sobre  
o tampo do armário  
de conservas

o gato pôs  
cuidadosamente  
primeiro a pata

direita da frente  
depois a de trás  
dentro

do vaso  
de flores  
vazio.

*William Carlos Williams*  
[trad. José Paulo Paes]

---

o poeta que há em mim  
não é como o escrivão que há em ti  
funcionário autárquico

o profeta que há em mim  
não é como a cartomante que há em ti  
cigana fulana

o panfleto que há em mim  
não é como o jornalista que há em ti  
matéria paga

o pateta que há em mim  
não é como o esteta que há em ti  
cana a la kant

o poeta que há em mim  
é como o vôo no homem pressentido

Chacal

## *fluxos fluxos fluxos*

«A literatura – já uma vez o escrevi – é uma arte de ladrões que roubam a ladrões. Se a constatação se aplica facilmente à colagem enquanto processo literário, aplica-se também, no entanto, à generalidade dos outros processos e à própria literatura enquanto tal. Diz Eliot que os poetas fracos copiam e os poetas fortes roubam. Independentemente de ser uma questão de força ou de fraqueza, não se trata aqui, com efeito, de copiar, mas de, consciente ou inconscientemente, roubar. E quase em estrito sentido técnico-jurídico: de se apropriar de algo de outrém disso fazendo coisa sua. Coisa sua...

Quando se rouba conscientemente, e publicamente, o próprio roubo se constituindo como processo literário, estamos no domínio da colagem, da alusão, da paráfrase. Mas o roubo, em literatura, decorre, acho eu, da sua própria natureza de identidade-alteridade.

Se tudo está eternamente escrito, isto é, eternamente em Quito (aí estão elas, alusão e citação), então a literatura é provavelmente um ramo especial da Tautologia. A verdade é que os cânones nos conformam, nos são. Mesmo sem os lermos, andam por aí no ar e na cultura que respiramos, como um fluido em que estamos permanentemente mergulhados; a sua presença em nós opera-se naturalmente, quanto mais não seja por osmose. Posso nunca ter lido Shakespeare ou Goethe, mas leram-nos aqueles que eu li, ou aqueles que foram lidos por aqueles que eu li.

Escreve-se sempre com e contra o passado. A minha poesia não escapa a essa regra, nem, certamente, à da “ansiedade da influência”. Acontece porém que, ao longo dos anos, fui construindo uma relação muito paciente com a minha poesia, dela não esperando hoje o que ela me não pode dar, uma identidade. E para que raio precisaria eu de uma identidade? Ou de um destino?

Quando calha (e muitas vezes calha) vislumbrar a influência à espreita num verso ou num poema, faço normalmente por abrir-lhe a porta e acolhê-la com fraternal complacência. Sei que não adianta fechar-lhe a porta, ela entrará pela janela. Mas não lhe abro os braços apenas por isso, por não poder deixar de recebê-la. A maior parte das vezes ela é, real e sinceramente, >>>

---

FLUXOS, microjornal de poesia, é editado por  
Paulo Ferraz, Renan Nuernberger e Tarso de Melo

SP | periodicidade temperamental | tiragem improvável  
arquivos disponíveis em [tarsodemelo.wordpress.com](http://tarsodemelo.wordpress.com)  
reprodução livre: leia, imprima, compartilhe | obrigado

# FLUXOS

edição oito | junho de 2019



Arnaldo Xavier  
[c. 1988]

## Antípodas

disse, outro dia, que escrever  
era uma cola no retalho  
de espelhar  
mas faltou carimbar uma  
digital e assinar esse verbo  
desfeito

escrever é colar o espelho  
mas não cola

*Tatiana Pequeno*

---

## As prostitutas de Amsterdã

são lindas e bem-vindas.  
vão à padaria, dão bom dia,  
voltam para casa com o pão,  
geleia, queijo e frutas. as prostitutas  
de Amsterdã não abrem mão  
do café da manhã.

*Bruno Baptista*

---

## Bagaço

fruta inteira núcleo  
caroço frouxo  
fibroso mas  
fechado

bichadas suas fibras  
mas de bicho capaz  
que não faz apodrecer  
só consome

e no consumo  
some ele próprio  
fiel ao papel  
de calabar

*Arthur Lungov*

## Cultura do palimpsesto

Tudo aqui é palimpsesto,  
paixão do palimpsesto:

à deriva,  
apagar o pouco que se fez,  
começar do nada,  
afirmar a deriva,  
olhar-se entre o nada acrescentado,  
velar o venenoso,  
matar o saudável,  
escrever delirantes histórias para náufragos.

Cuidado:  
não se perde sem castigo o passado,  
não se pisa no ar.

*Ida Vitale*

*[trad. Josep Domenèch Ponsatí]*

---

## Gaya scienza

*Para Gaya*

Gaia guarda  
grávida  
aguarda

Sua funda gravidade  
é seu segredo  
seu silêncio, uma ciência

- Gaia, guarda-me  
em teu silêncio  
pesa  
o poema

em teu segredo  
aguarda

o tempo

*Patricia Lavelle*

## O tempo extenuado

*A Josep Bonet*

Como quando o tempo extenuado, e a lírica do algoz  
que o público aplaudia. A mochila cheia de pedra para  
a viagem fugaz. E junto aos meios-fios: o uivo do  
coração, o rasgo da bandeira e do cérebro. O  
resplendor embotado da noite. E os novos minutos do  
agora sempre em obras. Para frente e para trás. O loop  
da vida que muda para ser vida, um fiapo do universo:  
as palhas pequenas dos nomes depois da grande  
debulha. O fogo dos estandartes. A métrica feroz do  
tiro. Um ninho de cobras no cenário. E os versos  
manuscritos do poeta. E as asas que fogem do espelho.  
A lousa e o calhau, as datas da origem e o final: O voo  
desde a luz para a luz primeira. O lugar dos pais na  
terra. E o olho da montanha que agora os vela. E o  
açafraão dos dedos, Walter. A maldita partícula de  
Higgs à deriva, à outra margem do frio perplexo. Um  
restolho de solidão que reverbera a voz que ainda  
escutas pela casa. A limpa epifania do desastre. O que  
foi feito de todos? Assim estão as coisas: o anzol do  
olhar lavrando a sua paisagem: o bosque e o machado.  
O pão envenenado e o estertor. O vinco da peçonha.  
Junho que se nos escapa e agora volta. Não há  
distância nas distâncias. Nem círculo respirando a  
sílabas oxidada. Nem molhe onde mergulhar e sair  
indene. Nem memória que remonte ao tempo onde  
não há tempo, uma árvore sem sombra. O oco da  
pedra solar. A calma atónita do mundo. E os versos do  
poeta manuscrito que o vento solettra.

*Joan Navarro*

*[revisão: Veronika Paulics]*

---

>>> bem-vinda. Só aqui e ali é que alguma eventual imperti-  
nência precisa, de facto, de rasura. Dizia o outro que escravo  
que sabe que é escravo é já meio liberto. Em literatura, a  
única liberdade que nos é dado alcançar é a de conhecer  
(mais do que a de escolher) as próprias servidões.»

Manuel António Pina

[entrevista à revista **Ciberkiosk**, n. 9, março de 2000]